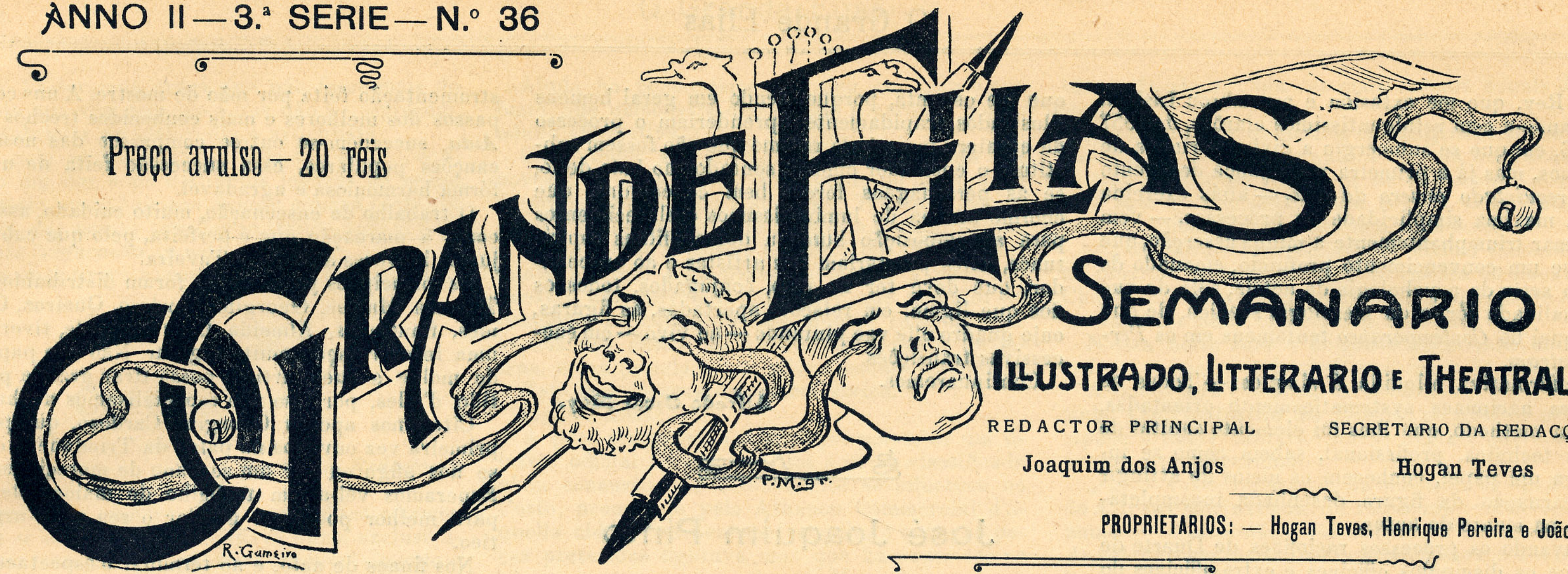


Preço avulso — 20 réis



REDACTOR PRINCIPAL

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

2 de junho de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

Indivíduos Artísticas

Actor Luciano

Nas memoráveis recitas do Theatro Livre, que deram emfim aos palcos portuguezes espectaculos á altura da missão social, que foi em todos os tempos o mais elevado objectivo do theatro, ao mesmo tempo que se realisou o bello sonho de Araujo Pereira, affirmou se o alto merecimento do actor Luciano, até ahi desconhecido para a maioria do publico.

Muita gente suppoz estar em face de uma surpreendente revelação, de um trabalho inesperado, talvez sem precedentes no artista em fóco, e, pela sua grande perfeição, talvez sem esperança de repetição.

Quem conhece Luciano viu bem n'esses soberbos trabalhos a sua natural evolução, a realisação de justas esperanças, e a garantia de futuros progressos.

Luciano tinha já, n'uma curta carreira, uma serie de bellas creações, papeis de responsabilidade como *Mardoch*, do *Domador de feras*; *D. Joaquim*, da *Marianna*, *Tobi*, da *Córa ou a escravatura*; *Scarpia*, da *Tosca*, de Sardou; além de muitas outras do Principe Real, cujo repertorio é o bastante para inutilisar um actor, pela infinidade de peças que tem de ensaiar, representando todos os dias papeis diferentes por causa dos beneficios, correndo o risco de repetir-se, por culpa dos dramalhões, de uma factura convencional, em que todas as situações e todos os papeis são semelhantes.

Em peças nacionaes deu-n'os ultimamente o *Fortunato da Rosa Engeitada*, e fez duas verdadeiras creações, do *Chefe de policia*, do *Coxo do Bairro Alto*, e de *D. João III*, do *Rei Maldito*. Ernesto da Silva, nos seus sinceros gritos de revolta,

O capital e Os que trabalham, teve n'elle um esplendido interprete, que se encarnou nos papeis de *Pedro, Exilado*, e no bello typo, tão portuguez, do velho artista encantado com as festas populares do drama *Em ruinas*.

Luciano tem interpretado peças dos mais alto nome da litteratura estrangeira, como o juiz da *Robe Rouge*, de Brieux; *Coupeau*, da *Taberna*, de Zola; *Argan*, dos *Maus*

Luciano é um actor naturalista, que comprehende, como nenhum outro, a grandeza do seu processo, sempre seguro. Não seguindo nunca conselhos de mestres, evitou por isso o perigo da imitação. Luctando por vezes contra más vontades na distribuição de peças, soube sempre levantar a figura mais insignificante, e assim affirmar de dia para dia o seu valor. São bem conhecidas as reproducções de attitudes, e até de vicios de declamação que reduziram muitos actores de futuro a simples copias. Luciano é sempre absolutamente original, porque estuda as suas personagens, procura encarnar-se n'ellas, viver a sua vida, e sente a impressão das palavras que lhe dirigem, passa por todas as gradações de sentimento que lhes são proprias, dá todas as impressões, com um grande poder de exteriorisação, sobrio e honesto, bem diferente da excessiva mimica a que recorrem artistas estrangeiros do genero, para fazerem comprehender o que o idioma em que se exprimem não faz sentir a todos os espectadores.

No trabalho de Luciano ha muito que aprender. Assim é que se compõe um papel, assim é que se variam as personagens, em resumo, assim é que se representa.

Faustino da Fonseca.



ACTOR LUCIANO

pastores, de Mirbeau; *Stockman*, do *Inimigo de povo*, de Ibsen.

Ultimamente nas duas recitas do Theatro Livre apresentou as soberbas creações de *Dumont*, na *Moral d'elles*, tão diversa do assombroso typo de *Vagabundo*, do *A'manhã*, que deu na mesma noite; e no *João Farrapo*, da *Carteira*, de Mirbeau, tão diferente tambem da personagem da peça *Em ruinas*, que representou n'esse segundo spectaculo.

— Hoje mordi a lingua, dizia uma actriz franceza a um cavalheiro das suas relações.

— Não me parece, minha senhora, respondeu-lhe elle. Se tal fizesse estava de certo envenenada, e eu ainda não lhe vejo signaes d'isso.

MISCELLANEA THEATRAL

XXIII

O glorioso exemplo do maior genio dramatico portuguez, da mais perfeita artista theatral,—Ma-

noela Rey, que me extasiou e assombrou Lisboa, offuscando-a com refulgentissimos clarões, de 1857 a 1866, em que se submergiu a divinal criança de 23 annos, mas já a primeira na pujança do talento e no requintado esmero da arte, — aliás exercida com a maxima simplicidade de processos, — vem confirmar triumphantemente a minha asserção, que envolve um convencimento profundo, emanado de estudo serio da psychologia da actriz, seja de que nacionalidade fôr, e da mesologia scenica, de que publiquei no *Contemporaneo* tentamens em os *Perfis theatraes*.

A affirmativa alludida é simples: — Todas as actrices nacionaes systematicamente orientadas, por um methodo, que lhes foi elemento capital de escola technica, professional, sabem como se investiga um papel, conhecem os meios de attingir a encarnação da figura desenhada incompletamente na mente do autor.

Louvando os processos racionaes de Duarte de Sá, que os discipulos officiaes e extra-officiaes do abalisado mestre seguem fielmente, é nosso escopo testificar a axiomática urgencia, de acercar-se a mulher de theatro de pessoas, que pela illustração geral e raro saber technico, a colloquem no ambiente adequado ao integral exercicio da nobilissima arte, que ha aberto a porta de Westminster, o Pantheon das soberbas realezas do ingenho inglez, a Garrick (1716 — 1779)!...

Ha distinctissimas filhas de Thalia e de Melpomene, em terra patria, que certo é nunca ouviram um conselho, uma indicação sequer de D. de Sá; o que, porem, accentuamos é que o methodo d'elle é tão bom, que mesmo os que não cursaram as aulas dramaticas regidas por elle, por ex.: os citados Tabora, Santos e Joaquim de Almeida, o preconisavam e era sempre com a reverente saudação de — *Mestre!* que esses tres illustres ornamentos do palco e outros se abeiravam de quem reunia todas, todas, as qualidades artisticas, sem carencia de nenhuma, e as pedagogicas, que de justiça lhe conferiram o primado entre os mais abalisados cultores e guias de arte dramatica.

Não basta, porem, a technica á actriz... ao actor!

Um factor preciosissimo de instrucção seria para elles o jornalismo, não só o especial, mas até o quotidiano, organizando-se utilmente a *secção de espectaculos*, de forma a que em estylo claro, desprovido de palavrões empolados, paternal e ameno, os noticiaristas de theatros, a um tempo estudando e professando, citando autores e preceitos a proposito das composições relatadas, contribuisssem valiosamente para a educação especial do comediante, e nas suas conversas de palco falassem mais em theatro e menos em banalidades estereis e mesquinhas.

E' mistér encarar leal e desassombadamente este assumpto, tão interessante, da educação mental da actriz.

Não é difficil determinar as *componentes* da força *resultante*, chamada intellectualidade da interprete de tantas almas, de tantas vidas, cujos lineamentos apenas vemos traçados no papel! Os factores, ou *componentes*, seja-nos relevado este termo colhido da mechanica, mais intensos e impulsivos devem-lhes ser ministrados pelos individuos esclarecidos que as rodeiam, que nellas actuan pelos liames de familia, de convivencia e até do amor, e quantas a estes ultimos, quando seus guias artisticos foram, hão devido mais de 75 % do alto gráu de cerebração a que ascenderam!

Os exemplos nossos e de terra alheia, ressaltariam dos bicos da penna, se fosse meu fito adduzi-los, para corroborar o asserto.

O influxo de um bom director de scena é consideravel, mas, por razões que não posso agora deduzir, de facto menos activo e duradouro do que o do homem, que, seja qual o motor, aprimóra incessantemente o intellecto da artista. E sendo as leituras por elle indicadas, e escolhidas judiciosamente, em grande parte realisadas nos jornaes, destes, quer nas noticias... criticas do movimento scenico, quer nas publicações especiaes em os artigos doutrinarios, se forem rapidos mas substanciaes, é evidente a vivissima acção criadora exercida pela imprensa jornalística nos progressos não só de theatro mas no de cabedal de noções multipas, prestantes, de que á actriz urge prover-se soffregamente!

Os dramaturgos e comediographos em Portugal, força é attestá-lo, e já o tenho exarado com as devidas deferencias, interveem com um minimun lamentavel na execução das suas produções!

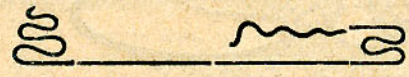
Alheiam-se, quasi de todo, da imperiosa interferencia, tão util, no andamento dos ensaios!

E raro é o que metteria em scena a sua obra, o

que me espanta, porque, sendo em geral homens illustrados, rapidamente aprenderiam o processo de ensaiar; mas ainda mesmo que não fossem substituir o ensaiador official, sentados ao lado d'elle, se as personagens forem bem concebidas, que enorme somma de luminosissimos esclarecimentos para a composição humana dessas filhas espirituas, elles prestariam aos artistas e ao encenador, que deve ter na mão, conjugados, todos os fios que ligam, em relações apertadas, as figuras, cujo quadro elle vae pintando — ao vivo — em successivas transições.

Continuaremos.

Alfredo Oscar May.



José Joaquim Pinto

Foi realmente deslumbrante a festa que se celebrou no theatro do Gymnasio, no dia 31 do corrente, noite de despedida do sympathico empresario José Joaquim Pinto.

O theatro estava brilhantemente ornamentado, n'um tom alegre de gala.

Representou-se a comedia *O outro sexo*, traducção do sr. Souza Bastos, onde houve uma novidade de sensação.

No terceiro acto, em que ha uma audiencia, as personagens dos jurados tiveram por interpretes Tabora, Valle, Joaquim de Almeida, José Ricardo, todos os artistas disponiveis do Gymnasio, o ensaiador Leopoldo de Carvalho e ainda alguns amigos do estimado empresario.

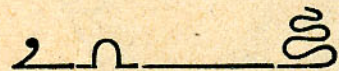
No fim do quarto acto o sextetto executou um numero de musica e levantando-se o panno, appareceu no palco todo o pessoal do theatro, munido de presentes e ramos de flores, para offertarem áquelle cavalheiro.

Joaquim de Almeida avançou então e, aproximando-se de José Joaquim Pinto, recitou uma linda poesia, original do sr. Julio Gama, poeta e jornalista portuense, poesia que foi depois largamente distribuida.

O actor Telmo e a actriz Barbara Volkart, a escripturada mais antiga d'aquella casa, saudaram com palavras ardentes o seu empresario a quem a commoção quasi impedia de falar.

Findo o spectaculo foi o sr. Pinto acompanhado a sua casa pelos artistas do theatro e por muitos dos seus amigos.

Nós juntamos aqui as nossas saudações ás que o publico dispensou ao honesto empresario, um carater integro e um indefesso trabalhador.



Primeiras representações

Theatro da Trindade

A preta do mexilhão, parodia á opera *Aida*, original dos srs. Eduardo Coelho e Pedro Pinto, musica dos srs. J. Neuparth e Nicolino Milano.

Escrever quaesquer linhas sobre o valor de uma peça é sempre tarefa ardua, quando com desassombro se querem dizer as verdades nugas e crúas. Quando porém o trabalho é produzido por um amigo nosso, a tarefa ainda se torna mais complicada. Se o trabalho é bom e d'elle não temos a dizer senão bem, muitos julgarão que o que de lisonjeiro escrevemos provém da amizade que nos une ao seu auctor; se o trabalho é mau e d'elle não temos a dizer senão mal, o facto repugna-nos porque fatalmente nos acarreta rancores e nos faz perder o amigo.

Ora no caso presente, não é só um auctor, são auctores, dois collegas com quem desde ha muito mantemos as melhores relações de amizade, motivo este que confessamos nos embaraça deverás. Arrostando com as difficuldades que apontamos, vamos pois dar aos nossos leitores uma ligeira noticia do que é e do que vale **A preta do mexilhão**.

A parodia (*disparate imitação*) como muito bem os seus auctores a classificaram, tem alguns ditos de espirito, situações bem achadas e versos graciosos.

A musica porém é que é tudo. Admiravelmente bem coordenada, com transições soberbas e in-

strumentação feita por mão de mestre. A uns compassos dos melhores e mais conhecidos trechos da *Aida*, succedem-se outros compassos das nossas canções populares, essa successão feita de uma forma harmoniosa e agradável.

O trabalho de encenação, muito cuidado, assim como a marcação que é perfeita, pelo que cabem justos louvores a Affonso Taveira.

Os principaes papeis, que foram distribuidos a Thereza Mattos, Georgina Cardoso, Queiroz, Gomes, Santiuhos, Almeida Cruz e Conde, tiveram uma interpretação muito regular. Não são papeis de molde a que o artista possa tirar grande partido d'elles, por isso não especialisamos nenhum.

Citaremos apenas Georgina Cardoso, que pela primeira vez ouvimos no palco da Trindade, e que se nos afigurou ser um soprano de merecimento. Esperamos vel-a em trabalho de maior folego, para melhor podermos avaliar o seu valor artistico.

Nos finaes de acto, e ao terminar o spectaculo, foram chamados e muito applaudidos os auctores, os maestros e Thomaz Del-Negro, que proficiente-mente dirigiu a orchestra.

H. T.



Bella Dyson Vaz

Na *reprise* dos *Dragões d'El-rei* no theatro da Trindade, encarregou-se do papel de Maria, que fôra interpretado pela actriz cantora Medina de Souza, a novel actriz Bella Dyson Vaz, que é uma excellente aquisição para a scena portugueza, tão precisada de gente nova. Representando com graça e gentileza, ouvindo bem, exprimindo-se com toda a *verve* necessaria ao genero, scintillante de mocidade e de espirito, Bella Dyson Vaz recebeu uma prolongada salva de palmas ao cantar a romanza do 2.º acto, n'uma voz harmoniosa e fresca.



No dia immediato áquelle em que pela primeira vez appareceu no Theatro Avenida o actor Alfredo de Carvalho, fazendo o papel de *David Airada*, na revista **Vivinha a saltar!** via-se n'um dos mais lidos jornaes da manhã um extenso artigo em que eram postos em evidencia os grandes recursos artisticos do referido actor que acabava, graças á sua «visa comica» de alcançar mais uma baga de ouro para ornamento da sua corôa *di gloria*.

Não deixamos de concordar que são justas todas as manifestações e referencias que se fazem a Alfredo de Carvalho, mas com o que não concordamos, nem de certo o referido actor, é que para o elevar, e guindar á altura a que os seus admiradores o querem collocar, vão servir-se de rodeios e fórmulas para aniquilar o valor de outros artistas.

Na revista **Vivinha a saltar!** foi desde o seu principio feito o papel de *David Airada* pelo actor Grijó e posteriormente pelo actor Portulez.

Se quaesquer d'elles não deslumbrou o publico pela forma como interpretou a personagem, em todo o caso não a prejudicaram, antes pelo contrario, deram-nos uns typos finos de galans, que atravessando toda a peça sempre se mantiveram correctamente.

Dizer portanto o auctor da referida noticia «Aquillo sim, aquillo é que é um compadre de revista», nada mais representa, a nosso vêr, do que deprimir o valor artistico d'aquelles que o antecederam.

Não temos procuração nem vimos defender, porque o não precisam, os actores Grijó e Portulez, e não podemos n'esta defeza ser tambem classificados de suspeitos, porque são bem superficiaes as relações que existem entre esses dois artistas e nós. O que fazemos é apenas lavar o nosso protesto, ao qual, queremos crer, tambem se associará Alfredo de Carvalho, o *David Airada numero 3*, que eventualmente se viu mettido no assumpto.

No referido artigo, ou noticia, tambem se nos deparou uma falta, que estamos certos, foi filha do esquecimento; pois sendo postos tanto em evidencia os merecimentos e recursos scenicos das actrices Gabriella de Lucey, Isaura Ferreira e Amelia Pereira, não vimos qualquer referencia a

Delfina Victor, que antes que não fosse mais do que pela sua voz, tem jus a que não a desprezem.

De Gabriella de Lucey diz o articulista:

«... pela sua modestia e pelo seu estudo, conquistou um dos mais distinctos logares na scena portugueza *sendo hoje sem duvida alguma* (o italico é nosso) das nossas *estrellas* (o italico aqui é d'elles) mais *fulgurantes* (e este é nosso).

Cada qual tirará as conclusões que lhe aprouver.

Carta aberta

Sr. Redactor

No primeiro numero do *Grande Elias* affirmou V. que o seu jornal se destinava quasi exclusivamente a tratar, com o possivel desenvolvimento e desassombadamente, assumptos theatraes, e é esta circumstancia que me dispõe a vir solicitar de V. o seu valioso auxilio em favor da litteratura dramatica portugueza, que bem precisa quem a defenda e auxilie.

Nas criticas semanaes do seu jornal, que, para honra dos que o dirigem, vem mantendo de uma fórma incontestavel o criterioso programma com que se apresentou, tenho visto sempre os maiores louvores ás emprezas que põem em scena originaes portuguezes, desprezando a praga das traducções que infesta o nosso meio theatral, já de si tão restricto, com prejuizo não só dos nossos artistas, pelos confrontos que são obrigados a sustentar e de que nem sempre sahem victoriosos, mas tambem dos auctores portuguezes que veem os seus originaes postos de parte, para cederem logar ás peças que lá fóra alcançaram extraordinarios successos, a maior parte das vezes injustificaveis.

Ora a attitude que V. tem tomado sobre o assumpto em questão é digna dos maiores elogios porque demonstra claramente o seu amor pela litteratura dramatica nacional, mas, creia V., muito ha a fazer ainda em favor dos nossos escriptores e especialmente dos que, cultivando este genero de litteratura, vivem para ahi acorrentados pelas cadeias do indifferentismo a que de ha muito os votaram, sem conseguir que uma unica das suas produções veja a luz da ribalta em qualquer theatro publico.

Porque a verdade é esta:

Hoje em Portugal, ha apenas cinco ou seis individuos cotados pela critica e para os quaes a porta do Normal ou D. Amelia está sempre aberta, quer elles produzam obras primas ou verdadeiras insignificancias.

O nosso Codigo Civil, no seu artigo 570.º, estabelece o principio de que *a todos é licito* publicar pela imprensa, lithographia, arte scenica, ou outra arte similhante, qualquer trabalho litterario seu, independentemente de censura prévia, de caução, ou de alguma restricção mais que directa ou indirectamente embarce o livre exercicio d'este direito, sem prejuizo da responsabilidade a que ficam sujeitos em conformidade da lei.

E' evidente que a idéa do legislador ao elaborar o presente artigo foi sem duvida a de conceder a todos a mais ampla liberdade em manifestar publicamente os recursos da sua intelligencia e para auferirem de qualquer modo a remuneração que lhes é devida pelo trabalho a que se dedicaram.

Parece-me que não ha nada mais justo e racional.

Porque se não de pois, monopolisar os palcos portuguezes em favor de meia duzia de escriptores que constituem a *cotterie* dos consagrados?

Porque se não de representar originaes de quaesquer outros individuos desde que elles reuam todos os requisitos precisos para isso?...

E' claro que, quando os nossos escriptores mais distinctos bateram pela primeira vez á porta da empreza com o seu originalzinho não choviam por sobre elles os adjectivos encomiasticos que a Imprensa mais tarde lhes havia de ofertar.

Pelo contrario. Alguns d'elles eram completamente desconhecidos e foi só depois da sua estreia mais ou menos auspiciosa que o publico os começou admirando como dramaturgos.

Ora estes, conseguiram o seu intento porque... tinham talento para isso, concordo, mas possuiam tambem uma coisa que é indispensavel a todos que queiram attingir esse almejado fim: — Influencia, *padrinhos*, como se diz em linguagem corrente, sem o que hoje em dia nada se consegue n'este bello paiz á beira-mar plantado.

Ainda ha pouco tempo se deu em Lisboa um facto que demonstra claramente a verdade d'esta minha affirmativa.

Como todos sabem, o sr. Cesar Porto, um dos novos que mais se tem distinguido no nosso meio litterario, apresentou a sua peça *Tragedia Antiga* á empreza do theatro de D. Maria para alli subir á scena, o que a mesma empreza lhe recusou terminantemente. Pois passados mezes a peça em questão era apreciada pelo jury que presidiu ao concurso dramatico do *Dia*, que se compunha de alguns dos nossos mais distinctos homens de letras, e era premiada em valor absoluto e relativo.

Este facto escusa de commentarios.

Mas ha mais:

A peça em um acto *Nuvem que passa*, de um illustre official do exercito, foi a unica classificada n'um concurso que ultimamente se effectuou no Porto, promovido pelo Atheneu Commercial d'aquella cidade, se bem me recordo, e entre as peças preteridas figurava uma que ha pouco tempo se apresentou no nosso theatro Normal.

Mas agora pergunto eu:

Se o auctor da *Nuvem que passa* houvesse apresentado previamente a sua peça em D. Maria, seria ali acceite?... Altos segredos de Estado...

.....
E, para tudo isto, pois, que eu chamo a attenção de V., sr. Redactor, implorando o seu auxilio em favor dos *desherdados* da litteratura dramatica portugueza, auxilio que de muito lhes pode servir, como eu terei occasião de demonstrar na minha carta seguinte.

De V.
D. SANTOYO.



MOVIMENTO THEATRAL

No theatro do Principe Real fez-se ha poucos dias *reprise* do gracioso *vaudeville* **O homem das mangas**, em que José Ricardo e Loppiccolo teem uns graciosissimos papeis.

Peça divertida e movimentada, musica alegre, e desempenho correctissimo por parte de todos os artistas, são factores importantes para se imporem ao publico que alli afflue todas as noites, e que não se cança de applaudir as primeiras figuras da companhia, justa recompensa do seu perfeito trabalho.

..* O conhecido empresario sr. Sousa Bastos organizou uma companhia de operetta da qual faz parte a sympathica actriz Palmyra Bastos, e que nos meados d'este mez irá dar alguns espectaculos em Evora. D'esta cidade seguirá a companhia para as principaes provincias do norte, prolongando-se a *tournee* até ao mez de setembro.

..* Intitula-se **O nó cego** a nova peça de these em que está trabalhando o illustre dramaturgo sr. Lopes de Mendonça. A peça, que é em tres actos, será representada na proxima época n'um dos primeiros theatros.

..* Em festa artistica da intelligente actriz Amelia Pereira, subirá brevemente pela primeira vez á scena no theatro Avenida, a operetta **A flor do mercado**, que foi assim distribuida:

Toinon, Amelia Pereira; *Marotte*, Margarida Velloso; *Paschoal*, Setta da Silva; *Cornelio*, Alfredo de Carvalho; *Marquez d'Angennes*, Eduardo Raposo; *Sargento Godofredo*, Salvaterra; *Callixto*, Eduardo Fernandes; *Pompeu*, Roldão; *Diogenes*, Salgado; *1.º fidalgo*, Vaz; *2.º fidalgo*, Rodrigues; *1.ª rapariga*, Sarah; *2.ª rapariga*, Stella; *Um lacaio*, Taveira.

..* A empreza Portulez, do theatro Avenida, escripturou para a proxima época da Rua dos Condes o actor Eduardo Soares.

..* E' depois de amanhã, que no Theatro Chalet da feira de Alcantara se realisa, com a applaudida revista **Os timbales do Diabo**, a festa artistica do estimado actor Guimarães. Além da revista, serão cantados nos intervallos o duetto *A maxixar* e a cançoneta intitulada *A gatinha*, dita pelo actor Vaz.

Uma banda de musica abrilhantar a espectaculo tocando no terraço de entrada do theatro.

Attendendo ás sympathias com que conta o beneficiado, é de esperar grande enchente.

..* No Theatro Chalet Trindade, da feira de Alcantara, continúa a arrastar-se a revista **De por-**

tas a dentro, cada vez mais cortada e mais deturpada.

..* Activam-se os ensaios do **Regimento vermelho**, que em breve subirá á scena no Theatro Chalet (Palhares), da feira de Alcantara, e que virá substituir a applaudida revista **Os timbales do Diabo**, que tanto tem agradado.

..* Conforme já dissemos no ultimo numero, é no proximo sabbado, 11, que se realisa no Theatro Chalet, da feira de Alcantara, o beneficio do fiscal Horta, e mais empregados menores.

N'essa noite será o elegante theatrinho enfeitado a capricho, e haverá novidades de sensação

A recita será composta da revista de Penha Coutinho **Os timbales do Diabo**, na qual os principaes artistas cantarão novas coplas, que o seu auctor está escrevendo.

..* O vasto repertorio da modesta companhia do **Circo Mejstrick** foi reforçado com diversos numeros sensacionaes, destacando-se, d'entre elles, *As cabras amestradas*, que figuram como um dos melhores do variadissimo programma.

Todas as noites ha espectaculos, sempre escolhidos e variados, tornando este circo um dos mais concorridos da feira de Alcantara.

Tauromachia

Praça do Campo Pequeno

7.ª corrida

Não desagradou, em conjuncto, a corrida effectuada no ultimo domingo n'esta praça.

Era a primeira que alli se realisava depois do fatal desastre que victimou Fernando de Oliveira, e o producto liquido destinava-se a adquirir fundos para occorrer ás despezas da construcção de um mausoléu no cemiterio do Alto de S. João, para guardar os restos do mallogrado artista.

Não nos parece, porém, que o resultado, para o qual concorreu Fuentes com 50 duros, fosse muito satisfatorio.

Os touros foram fornecidos pelo conceituado *ganadero* Emilio Infante, que, se não enviou um curro que sobresahisse, mandou no emtanto alguns exemplares que cumpriram bem, mórmente um, muito bravo, que foi o 8.º Em geral, estavam bem tratados, mas eram deseguaes em corpos.

O notavel matador Antonio Fuentes fazia a sua reaparição no Campo Pequeno, depois da grave colhida que soffreu toureando na ultima época na praça de Zaragoza.

Depois da opinião dos criticos hespanhoes, e da sua exhibição ultimamente na praça de Algés, já calculavamos ao que iam assistir. E não sahiu errado o calculo: Fuentes não pôde continuar a tourear, pelo menos por emquanto.

N'esta corrida — excepto no 8.º touro, de que já falaremos — pouco ou nada fez, tanto com o capote como com a muleta, como ainda com as bandarilhas, pois não esteve nas suas grandes tardes, não porque não quizesse, mas porque não pôde, visto lh'o impedir a perna lesionada, que não lhe permite os necessarios movimentos que a arriscada profissão requer.

O que admira é que Fuentes não tenha relutancia de se ir apresentando por essas praças fóra, n'aquelle estado, e mais admira ainda que se insurja com o publico, como se insurgiu n'esta tarde, porque lhe exige trabalho, e que se insurja por signal, com bem pouca delicadeza, como fez, atirando n'uma occasião com a muleta fóra, para junto do estribo da trincheira.

Fuentes devia calcular pouco mais ou menos o que lhe succederia, visto todos saberem que é por demais cioso do nome que adquiriu e do posto que actualmente occupa na tauromachia, e que por isso mesmo o publico não desculparia facilmente um artista de tal categoria que se apresenta a tourear na primeira praça de um paiz sem o poder fazer.

E' mais, vendo que as corridas em que toureia são dadas como extraordinarias, com os preços augmentados, quando os preços de uso já por si são «puxadinhos».

Ora o publico portuguez tem Fuentes na maxima consideração, é até um dos seus artistas predilectos, mas no presente caso não pode deixar de lhe mostrar o seu desagrado, porque nada lhe viu fazer até ao 8.º touro.

E quem paga, e paga bem, para vêr tourear bem, exige e com razão.

Se Fuentes se encontra com faculdades, porque toureia tão pouco em Hespanha? Ora, necessariamente, porque essas faculdades lhe escasseiam, é que toureia pouco no seu paiz, e está rescindindo por isso alguns contractos, preferindo antes fazel-o em Portugal como ensaio: outro dia em Al-gés, agora em Lisboa, e brevemente no Porto, como já se annuncia. Esta é que é a verdade.

A sua salvação foi o 8.º touro — que sabiu para os bandarilheiros portuguezes Theodoro e Manuel dos Santos — um animal muito bravo e nobre, que aquelles artistas lhe cederam, pois viu que era de molde para com a sorte do perdão tirar o desquite.

E foi, de facto, n'esse, que mais alguma coisita fez, collocando tres pares a quiebro innegavelmente de valor, mas só um d'aquella sua marca antiga, d'aquelles pares verdadeiramente extraordinarios á Fuentes, pois no 5.º e 7.º touros não convenceu ninguem, antes aborreceu o publico com a sua insistencia a tourear a quiebro, quando nenhum d'aquelles dois touros tinha condições para a execução d'aquella sorte.

Tudo isso bem o comprehendeu Fuentes, temos a certeza, mas elle tambem sabia que não tinha pernas para tourear d'outra fórma.

E, com a muleta, um ou outro passe de valor, e mais não disse, o que é zero para um artista que cobra mais do que nenhum.

E vamos com os cavalleiros.

José Bento teve uma tarde pouco feliz: no 1.º não passou de regular, e no 6.º esteve longe do seu nome. A's cortezias cedeu a direita ao seu novo collega, o que causou a melhor impressão.

José Casimiro é que enthusiasinou os assistentes pela fórma como toureou o 4.º, que por signal não era nenhuma preciosidade. O seu trabalho mais

pareceu de um artista experimentado, que de um artista novo, como é o filho de Manuel Casimiro, que se achava n'um logar de «sombra» do sector 7, e a quem o publico fez uma manifestação de sympathia.

O trabalho de José Casimiro, sem contestação, foi magnifico, e ha de ficar na memoria de todos que assistiram, principalmente, aquelle primeiro ferro comprido e a bandarilha com que terminou a lide, pela correcção e arte no citar, pela maneira de levar o cavallo ao touro, e por fim pela fórma airoso no remate das sortes.

O publico fez-lhe uma grande ovação, e mereceu-a, porque foi de todo o ponto justa.

No 9.º nada poude fazer, porque o animal era um verdadeiro canastrão, mais ordinario ainda que o primeiro que lhe coube. Mas, no emtanto, mostrou a sua boa vontade.

Dos bandarilheiros, Theodoro teve uma boa gaiola no 2.º, e nos quites esteve superior toda a tarde. O que fez no 1.º touro, muito opportuno, livrando José Bento de colhida certa de encontro ás taboas em frente do sector 1, valeu-lhe uma grande ovação.

Cadete, um bom par tambem no 2.º, e regular no 10.º

Manuel dos Santos, esteve bem no 3.º, no qual deixou tres pares que lhe valeram palmas. No quiebro de rodillas já não teve igual fortuna, pois aquillo não foi nada.

Thomaz da Rocha, um magnifico par no 3.º, pela fórma correcta e elegante como citou e foi á cara, embora lhe resultasse um pouco aberto.

Os moços de forcado, simplesmente impossiveis. Está bem provado que esta parte do espectáculo, tão caracteristica dos portuguezes, acabou com as corridas de fidalgos, e com o grupo d'esse velho, sem physico mas conhecedor como nenhum, que se chamou Bernardo da Silva, e era mais conhecido

pelo Bernardo de Santarem. Tudo reunia o seu grupo: arte, valentia e união!

Hoje, nada d'isso existe. E então acabe-se com as pégas, pois que assim são uma vergonha para nós!

Deixar de se pegar de cara o 2.º touro, que entrava bem ao capote, para se pegar o 3.º, que ensarilhava, é inacreditavel, francamente, e só mostra a incompetencia do sr. Alcarriol para o logar que lhe foi confiado. O resultado foi o que se viu.

Pois sim: mas a direcção das pégas, agora, está confiada a um profissional!

Manuel Botas deve estar satisfeito.

A concorrencia não foi das maiores.

Assistiram suas magestades e o infante D. Afonso.

C. A.



Monumento a Pinheiro Chagas

Subscrição aberta pela «Mala da Europa»

Transporte	291\$875
Recebido durante a semana finda em 28	14\$125
Somma	306\$000

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes em atrazo pedimos a especial fineza de mandarem reformar as suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na remessa.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

A' venda brevemente em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

Nestlé

Farinha Lactea

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa.

AOS FOTOGRAFOS AMADORES

Cartões simples e de luxo para collar provas fotograficas.

Córt e chanfro de cartões em todas as medidas, desde 1 exemplar para cima. Timbragens a balancé com o nome dos amadores.

Passepartouts em 10 o genero.

PREÇOS DE FABRICA

Pedidos a **Julio Amorim**

R. Poyaes de S. Bento, 56, 1.º — LISBOA

FABRICA NACIONAL

DE

Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; 160 pag., 40 mappas, 300 gr. v., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.

Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em publicação); chorographia physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.

Vida e aventuras de Robinson Crusoe, por Daniel de Foë. Luxuosa edição completa e illustrada. 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tomo 250 réis.

Prospectos e specimens gratis. Empreza editora, rua da Boa Vista, 62, 2.º, Lisboa, e nas principaes livrarias.

FABRICA NACIONAL

PAPEIS PINTADOS

DE

de DIAS TEIXEIRA & C.ª

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (cou-chés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguiar & C.ª (F.ª)**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.ª**, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA